



MIRAN DE BARROS LATIF – O TRÓPICO E A ARQUITETURA

Alex Nicolaeff¹

Resumo:

Enfoque nas contribuições de Miran de Barros Latif no campo da arquitetura no trópico, com ênfase no arejamento.

Palavras-chave: trópico, arquitetura, arejamento.

Abstract:

The text shows Miran de Barros Latif's ideas on architecture in tropical áreas, mainly on ventilation.

Keywords: tropics, architecture, ventilation.

Introdução

Em tempos de exaltação aos especialistas manteve Miran de Barros Latif a visão de humanista junto com os conhecimentos da engenharia ao analisar fatos sociais e culturais. Deixou registrados seus pensamentos em livros, crônicas e construções, realizadas entre as décadas de 1930 e 1960. Destacarei aspectos voltados à história e ao estudo de questões urbanas e da arquitetura, tendo o trópico como pano de fundo. Já o título de seu principal livro, *São Sebastião do Rio de Janeiro, uma cidade no trópico*, destaca seus interesses intelectuais.

Em 1965 o arquiteto Maurício Nogueira Batista, diretor da revista *Arquitetura*, órgão oficial do Instituto de Arquitetos do Brasil, cogitou publicar um texto sobre a casa mineira do livro de Miran *As Minas Gerais*. Entrei em contato com ele e concordou prontamente. Passou a escrever artigos exclusivos para nossa revista. Mostrou enfoques inéditos e utilíssimos sobre aeração no trópico em questões de traçados urbanos e arquitetura.

Ideário

Miran de Barros Latif alternou a sua formação no Rio de Janeiro com viagens de pesquisa pelo Brasil e estudos na Europa. Neste vai-e-vem examinou e confrontou realidades díspares. Recebeu, nas palavras de Alceu Amoroso Lima, “influências contrárias, do trópico e do frígido, do local e do universal, da terra

1 Arquiteto e urbanista, formado na UFRJ em 1959. Sócio fundador do ICOMOS-BR. Sócio efetivo do IHGRJ.

e do mar, do intuitivo e do racional” escreve Alceu Amoroso Lima em carta ao Autor datada Rio de Janeiro, 24 de maio, 1948.

Para encontrar respostas ao desafio do trópico buscou caminhos no exame das tradições indígenas, bem como na ação de missionários jesuítas. Confiava na medicina, na tecnologia, nos enfoques das ciências do meio-ambiente, na mesologia e na ecologia social. Acreditava que a ciência venceria o trópico.

Historiador

Colaborou com o IPHAN onde era considerado historiador em face da abrangência e erudição de suas abordagens. Selecionei algumas ideias capazes de estimular nossa reflexão sobre episódios de nossa história.

Quanto aos Descobrimientos, escreveu Miran:

Já na Antiguidade o gênio de Aristóteles e de Pitágoras admitia a esfericidade da terra. (LATIF, 1939, p. 8)

O sucesso de Portugal dependia das vitórias do Islã. [...] ...império cuja posse Portugal manteve por quase um século despendendo muito heroísmo, mascarando a sua fraqueza com a violência e até com a crueldade. (LATIF, 1939, p. 16)

Quanto ao Ciclo do Ouro fez interessantes afirmações:

Nunca no mundo se topou com ouro por toda uma região como nas Minas Gerais. (LATIF, 1965, p. 89)

As minas brasileiras num século produziram mais ouro que o resto da América. (LATIF, 1939, p. 18)

Ao mineiro proíbe o Reino qualquer gênero de atividade alheia à mineração, não tolera nenhum ensaio manufatureiro. (LATIF, 1939, p. 54)

Em torno dos arraiais mineiros, o Brasil imenso como se condensa e deixa de ser um todo desconexo, para se articular em redor de um centro coordenador. (LATIF, 1939, p. 112)

Sobre os largos adros das igrejas, onde se faziam os ajuntamentos, as fachadas se transformam em cenários, passando a constituir verdadeiros altares ao ar livre. (LATIF, 1939, p. 147)

O Reino, retirando das minas tudo que pode, só consente que um pouco da riqueza lhe escape para ser aplicado em igrejas e conventos ou convertido em oferendas aos santos. (LATIF, 1939, p. 128)

A Igreja, sob o regime do padroado, tem o rei de Portugal como um segundo papa. (LATIF, 1939, p. 128)

O Rio de Janeiro será durante todo o século XVIII um dos portos mais bem defendidos do Mundo. (LATIF, 1939, p. 80)

A América espanhola sustentou o surto artístico da Renascença, o ouro do Brasil foi desperdiçado em indumentárias, pompas, fogos de artifícios e em carnavais na Sicília. (LATIF, 1939, p. 19)

O trópico

A visão mesológica e o habitual entrelaçar de temas caracteriza o insuperável painel mostrado em *Uma cidade no trópico – São Sebastião do Rio de Janeiro*, escrito “sem os batuques exaltados e falsos” nas palavras de Luís da Câmara Cascudo em carta ao Autor, Rio de Janeiro, 30 de setembro, 1965. “O romance plástico do Rio de Janeiro”, segundo Alceu Amoroso Lima, também em carta ao Autor, datada de 24 de maio, 1948.

O livro continuou atual, cinquenta anos depois de escrito, pois a primeira edição é de 1948, e o prefeito Luiz Paulo Conde costumava oferecê-lo a visitantes ilustres para melhor compreenderem as nossas complexidades e maravilhas.

Miran aborda a função estratégica do porto do Rio de Janeiro para consolidar as fronteiras do sul durante o expansionismo lusitano em áreas temperadas, bem como o caráter defensivo de seu arruamento.

Analisa a presença de ordens religiosas nos quatro morros que balizam o centro da cidade, o do Castelo, de São Bento, de Santo Antônio e do morro da Conceição. Tece interessantes comentários sobre “a escassa monumentalidade” na cidade e descreve as sucessivas benfeitorias no largo do “Paço dos Vice-Reis”, nossa atual Praça XV, onde se faz presente a arquitetura chã portuguesa. (NICOLAEFF, 2002, p. 11-17)

Constata que, no século XX, “arranha-céu e automóvel estão a se digladiar”, o que faz entrar em cena o “urbanista preceptor” descrito “como promotor público a defender o bem comum das especulações exageradamente individualistas”. (NICOLAEFF, 11-17, 2002)

Apona as razões do adensamento na estreita e disputada faixa plana de solo urbano entre o mar e a montanha, destacando as “organizações de serviços públicos” que, para diminuir a rede distribuidora de utilidades tais como água, gás, e eletricidade, que “levados a domicílio, tornam-se melhor negócio e

os elevadores, grandes consumidores de energia elétrica”. (NICOLAEFF, p. 11-17. 2002)

Sabedor das pressões sobre órgãos públicos, denuncia que “modificam-se a todos propósitos os regulamentos, fazem-se concessões e avalia-se o prestígio dos donos dos arranha-céus pelo maior desrespeito às posturas municipais”. (NICOLAEFF, p. 11-17)

Lamenta a perda da relação equilibrada entre a casa e a cidade, em respeito mútuo, “sempre que o homem agiu ordenadamente orientado pela razão”, para fechar a questão: “o individualismo na sua exuberância desarticula-se assim da coletividade”. (NICOLAEFF, p. 11-17, 2002)

Crítica “o inchaço urbano” e “um capitalismo desenfreado que alongou as cidades demasiadamente e fez bons negócios abrindo ruas lá onde deviam ser apenas caminhos”. Sugere legislações inibidoras contra a proliferação de loteamentos onde “quem construir a sua casa cairá na esterilidade dos desambientados.” (NICOLAEFF, 11-17, 2002)

Sobre o trópico tinha Miran uma série de ideias, recorrentes em seus textos. Remete às origens lusitanas e lembra que “conheciam os portugueses a casa resguardada e quase sem aberturas externas, feita para resistir ao vento quente e seco proveniente do norte da África, para o sul da Ibéria, para o Algarve português principalmente.”

Se a casa requer isolamento contra os ventos estorricantes também requer aeração natural, por chaminés, no seu interior. (LATIF, 1965, p. 66)

No calor úmido tropical tiveram os portugueses que virar esta casa ao avesso para melhor arejá-la. O antigo pátio interno e recluso do norte africano, tornar-se-ia a varanda devassada, à moda tropical hindu. (NICOLAEFF, 11-17, 2002)

A varanda é uma adaptação ao clima e também oferece acolhida. É zona de transição entre exterior e interior, entre público e privado.

Miran descreve a “região de clima corrigido pela altitude”, onde não há o mosquito transmissor da malária. Ensina que o mosquito não resiste a três noites seguidas de temperatura baixa, de 16°. (MIRAN, 1959, p. 46) Cita Brasília como exemplo de clima tropical corrigido pela altitude.

Torna-se dramático em face ao nosso problema básico, funcional, íntimo, antológico mesmo, da habitação popular, na certeza de que o habitar é o primeiro problema existencial para o homem, como está em Heidegger.

Miran usou a palavra “aeração” em vez de “ventilação”, e explica: “mesmo com o ar parado fora, pode-se movimentá-lo naturalmente no interior do aposento”.

Preconiza o uso de tetos inclinados e condena a laje horizontal “na moda europeia ditada por Le Corbusier”. Recomenda os telhados com duas águas descendentes ou os em “V” das casas de subúrbio, conhecidos como “telhados-borboleta”, considerando ambos mais adequados a uma obra “que se adapta ao meio, em vez de tentar conformá-lo”. (NICOLAEFF, p. 11-17, 2002)

Sugere o binômio “sombra e ar” como solução para os climas quentes e úmidos dos trópicos, em vez do binômio “luz e sol” postulado por Le Corbusier para as áreas de clima temperado.

Os peculiaríssimos conhecimentos sobre aeração foram acumulados por Miran através de seus projetos e obras para chaminés industriais. Baseou-se na elaboração de tais trabalhos em leis físicas estabelecidas pelo engenheiro russo Grishmaliov sobre a circulação dos gases: o movimento natural do ar aquecido segue as leis da hidráulica, apenas com o escoamento se dando por vertedores invertidos. (NICOLAEFF, p. 11-17, 2002)

A divulgação das ideias de Miran de Barros Latif através da revista *Arquitetura* gerou influências duradouras na produção de arquitetos brasileiros, inclusive nas casas para populações de baixa renda, feitas por órgãos públicos. É uma constatação grata à memória de Miran, pois foi também um severo crítico dos projetos que se faziam sob a rubrica de “casas populares”.

Relaciona surpreendentes virtudes do trópico: segundo ele, o paraíso bíblico, ficava em clima tipicamente tropical. Afirma ainda que a ilha da Utopia foi imaginada por Tomas Morus em latitude correspondente à de Búzios.

Exalta a fertilidade no cinturão do trópico úmido e compara o número de espécies animais de sangue quente numa pequena ilha, de apenas 15 km², isolada, protegida e intacta no Panamá: é igual ao número de espécies de animais de sangue quente existente em toda a França. E o número de animais de sangue frio é igual ao da Europa inteira. Aí, porém, estão incluídos os mosquitos que, segundo bem-humorada tirada de Miran, foram os responsáveis pela expulsão de Adão e Eva do paraíso.

Lista problemas graves e afirma categórico: “a malária é o maior flagelo do trópico”. Lembra que o nome da doença deriva do espanhol *malos aires*. E de como era tratada pelos jesuítas com o quinino que eles traziam do sopé dos Andes. Era o famoso “pó-dos-jesuítas”. Salvou muitas vidas e fez crescer o prestígio da ordem. A quininologia foi a primeira ciência do trópico, segundo Miran.

Cita ainda as febres palustres e a febre amarela. E de como as doenças endêmicas se transformam em epidemia quando há aumento nas atividades econômicas. Segundo Miran o aumento faz eclodir a doença, em prejuízo imediato das atividades econômicas. “A doença, assim, torna-se a causa da pobreza e

essa, por seu turno, dá lugar à doença". É "o ciclo vicioso de doença e de pobreza". (LATIF, 1959, p. 44)

O Rio de Janeiro nos anos iniciais da República era considerado o cemitério dos imigrantes. Estes preferiam os *buenos aires* e seguiam viagem rumo a Argentina e Uruguai.

No terrível o surto de febre amarela de 1895 uma belonave italiana chegou na Guanabara com 340 tripulantes e partiu com apenas 96.

Miran afirma confiante ser "indispensável uma ciência e uma técnica pelas quais o homem tropical há séculos pacientemente espera." (LATIF, 1959, p. 45). Só a ciência poderá salvar o trópico quente e úmido.

Confia no trópico como "pano de fundo das ações humanas" e, ainda na sua visão mesológica: "o que mais unifica a mentalidade dos habitantes deste vasto Brasil é sem dúvida o determinismo do meio." Determinismo que o faz concluir que "a casa brasileira vai juntando detalhes dos quatro cantos do mundo que se caldeiam facilmente na faixa tropical." (LATIF, 1965, p. 81)

Dá uma série de orientações: "para uma boa habitabilidade no trópico torna-se primordial ter, como a primeira das preocupações, uma boa aeração nos meses de canícula tanto da casa como da cidade toda" e arremata: "em Recife o primeiro núcleo urbano teve suas ruas orientadas de modo a canalizar o alísio quase contínuo vindo do Nordeste, e que no verão sopra benfazejo como dádiva." (NICOLAEFF, 11-17, 2002) Sabe que "só pela aeração consegue-se o conforto de um homem que reage contra a canícula pela ação refrescante do suor." (NICOLAEFF, 11-17, 2002)

Sugestões

De suas análises de práticas construtivas voltadas para o conforto térmico é possível listar procedimentos testados pela experiência:

vazar as paredes em busca de aeração; rendilhar as sancas do forro; pôr suspiros no alto das empenas dos sótãos; preferir grande pé direito nos quartos, tendo porta com bandeira para escoar o ar pela a circulação; (LATIF, 1965, 149)

dispor verdadeiras chaminés de aeração vazando andares, para terminar nas coifas de vidro das claraboias; a inclinação das placas da cobertura terá que ser grande para que por baixo delas escoe o ar quente; o largo balanço dos beirais deve jogar a água para longe dos alicerces. (LATIF, 1965, 56-58)

Hoje em dia dispomos de inseticidas, sulfas, antibióticos, eletricidade, frigoríficos, campanhas de vacinação em massa, e todo um arsenal de recursos. Aumentou consideravelmente a expectativa de vida. Tornou-se possível o

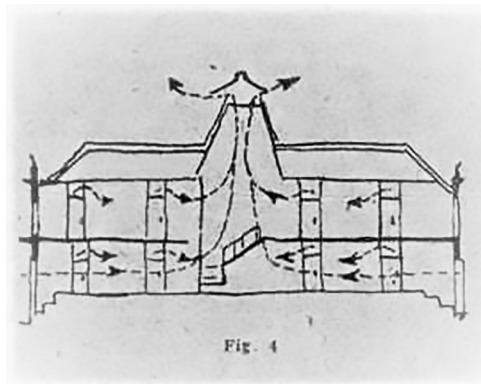
adensamento urbano. Com ar condicionado melhora a difusão da cultura em ambientes fechados. Lembro apenas que o Theatro Municipal, no seu início, era refrigerado com gelo. E a comida estragava à toa. Miran previu corretamente, e a ciência venceu o trópico.

Influências

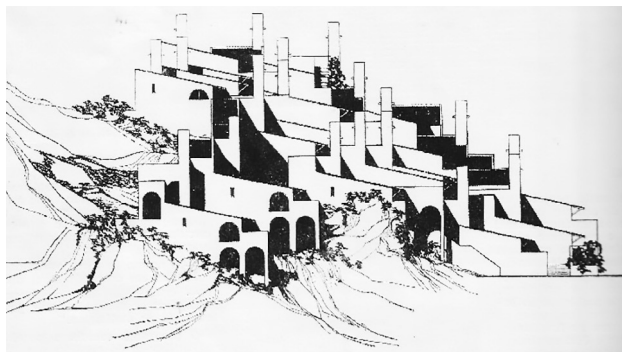
Paulo Casé, arquiteto, projetou o Hotel Pedra do Sino (1966) focalizando o sistema de ventilação com as seguintes palavras: “a redução do calor, proveniente da incidência do sol e da irradiação das rochas, através de uma ventilação forçada, criada pela conjugação de vãos externos e torres, cuja forma foi estabelecida tendo em vista aproveitar os constantes ventos sudoeste, como fator natural de sucção.” Foi publicado na revista *Arquitetura*, nº 56, p. 12, pela Editora Artenova Ltda no Rio de Janeiro, em 1967. O projeto harmoniza entradas de ar, chaminés de aeração e ventos dominantes.

O arquiteto Marcos Konder Neto construiu sua residência (1976) numa encosta íngreme de Santa Tereza. Protegeu a área social com a sombra de grandes beirais, colchão de ar entre telhado e laje plana, criando no centro do salão uma coifa com exaustão direta do ar quente, dispensando-se o uso de ar condicionado.

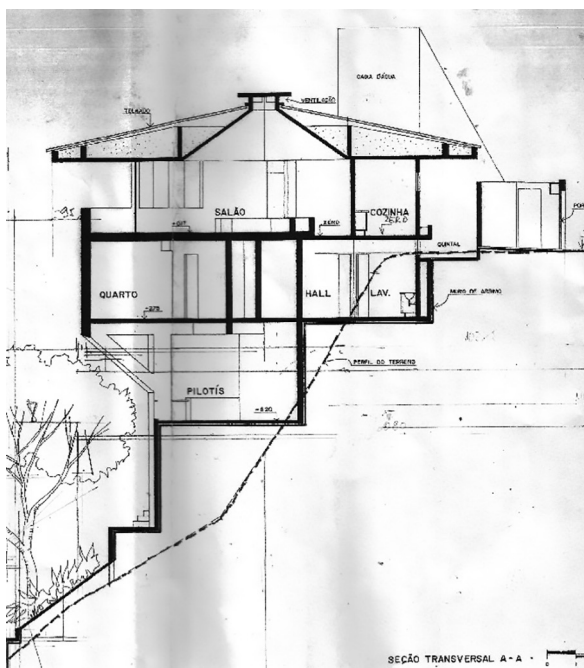
Projetei uma residência em Maricá (1982) num vale longe da brisa marítima. Lajes inclinadas conduzem o ar quente para uma chaminé de aeração por onde é eliminado. Dutos subterrâneos trazem ar fresco, estabelecendo-se uma aeração natural nos ambientes, sem o auxílio de recursos mecânicos. Nunca se cogitou de aparelhos de ar condicionado. A prática confirmou as teorias de Miran.



Chaminé de aeração. Desenho de Miran de Barros Latif.



Hotel em Niterói – elevação. Projeto do arquiteto Paulo Casé.



Residência em Santa Tereza – corte. Projeto do arquiteto Marcos Konder Neto.



Residência em Maricá – projeto do arquiteto Alex Nicolaeff.

Referências bibliográficas

LATIF, Miran de Barros. *São Sebastião do Rio de Janeiro: uma cidade no trópico*. Rio de Janeiro: Ed. A Noite, 1948 (1ª ed.) Agir Ed., 1965 (2ª ed.)

LATIF, Miran de Barros. *As Minas Gerais: a aventura portuguesa, a obra paulista, a capitania e a província*. Rio de Janeiro: Ed. A Noite S. A., 1939.

LATIF, Miran de Barros. *O homem e o trópico: uma experiência brasileira*. Rio de Janeiro: Agir Ed., 1959.

LATIF, Miran de Barros. *A comédia carioca: na ribalta da rua*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

NICOLAEFF, Alex. Miran, “um engenheiro diferente”. *Revista Vivereidades*. Rio de Janeiro: nº 5, p. 11-17, 2002.

Comunicação proferida em 13 de maio de 2019, no Seminário: Biografias, uma nova perspectiva da História do Brasil.²

² Este texto está sendo publicado nesta seção após nova consulta dos Editores aos pareceristas que o avaliaram ano passado.

